

Políticos e sindicatos também criticados

Falta um plano econômico para o País, os sindicatos estão politizando em demasia suas reivindicações e a classe política apenas tira proveito dos sucessos do governo, recuando nos momentos de crise. Estas são apenas três das críticas ouvidas pelo presidente José Sarney no encontro de sábado, na chácara de Matias Maccline, em Itatiba, São Paulo, com 23 líderes empresariais, e divulgadas ontem pelo porta-voz da Presidência da República, Frota Neto.

Na reunião, Sarney recebeu total apoio dos empresários presentes que o consideram como "a garantia de uma transição democrática sem traumas", mas o ministro da Fazenda, Dílson

Funaro, e sua assessoria, embora ausentes, sofreram críticas contundentes através dos questionamentos levantados contra a política econômica e os órgãos do Ministério que exercem controles sobre a economia.

Assim, "os pacotinhos casuísticos e semanais" área econômica foram indicados como responsáveis pela incerteza e a inflação. A Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX) foi denunciada pela morosidade na liberação das guias de improtação de insumos básicos para a produção industrial. Ao Conselho Interministerial de Preços (CIP) imputou-se a culpa pela desestruturação dos preços de mercado. E contra o

Banco Central pesou a acusação de ineficiência no controle das taxas de juros e na manutenção de uma política cambial contrária aos interesses dos exportadores brasileiros.

Amador Aguiar, presidente do Conselho de Administração do Banco Brasileiro de Descontos, e Lásaro Brandão, também do Bradesco, além de se queixarem da política agrícola, pela falta de coerência, defenderam a manutenção dos subsídios para a agricultura e informaram ao presidente que "os bancos privados não têm condições de suportar por tempo muito longo os disparos do gatilho salarial". Sugeriu, então, alterações na política salarial.